

Uma voz negra feminina no planalto central brasileiro: uma análise de “Inusitada”, de Cristiane Sobral

A black female voice in the brazilian central plateau: an analysis of “Inusitada”, by Cristiane Sobral

Fernanda Scheluchuak Dias¹

Samira Martins²

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar o poema “Inusitada”, poema que integra o livro *Terra negra* (2017), da poeta carioca Cristiane Sobral, que traz à tona as temáticas de identidade e vivência da mulher negra na cidade, repensando toda a característica social da urbe enquanto espaço de ocupação democrática. Para enriquecer a análise, foram trabalhadas as ideias de feminismo decolonial, de María Lugones, e de *escrevivência*, de Conceição Evaristo, a fim de entender melhor o protagonismo negro na literatura brasileira contemporânea. Além disso, consideramos urgente a valorização da presença da literatura afro-brasileira e o debate das obras de escritores negros, de modo a repensar tais vozes que foram silenciadas e apagadas historicamente por parâmetros acadêmicos brancos.

Palavras-chaves: Cristiane Sobral; Brasília; Poesia contemporânea brasileira; Feminismo decolonial; *Escrevivência*.

Abstract: This article aims to analyze the poem “*Inusitada*”, a poem that is part of the book *Terra negra* (2017), by the Rio de Janeiro poet Cristiane Sobral, which brings to light the themes of identity and experience of black women in the city, rethinking the whole social characteristic of the city as a space of democratic occupation. To enrich the analysis, the ideas of decolonial feminism, by María Lugones, and the notion of *escrevivência*, by Conceição Evaristo, were used in order to better understand the black protagonism in contemporary brazilian literature. Furthermore, we consider it urgent to value the presence of afro-brazilian literature as well as the discussion about the black writers’ works, in order to rethink such voices that have been silenced and erased historically by white academic parameters.

Keywords: Cristiane Sobral; Brasília; Brazilian contemporary poetry; Decolonial feminism; *Escrevivência*.

¹ Mestra em Estudos Literários pelo PPG da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP); Especialização em andamento em Linguística e Ensino de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio Grande, FURG, Brasil; e-mail: fernandasched@hotmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7409-7066>

² Mestranda em Educação pelo PPG da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP); e-mail: samiraemartins@hotmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5384-7553>

“Eu existo nesse país. Tenho muito a escrever”³: Cristiane Sobral e a produção da Literatura Afro-Brasileira

Paulo Colina, um dos poetas idealizadores dos Cadernos Negros e do Grupo Quilombhoje, questionou: “a voz de Coelho Neto não era a minha voz; Bernardo Guimarães não sabia das minhas noites, do meu fogo, do meu café, da minha fala. Onde andava, então, o **negro escrito**, o escritor negro?” (COLINA, 1987, p. 11, negrito do autor). A luta de escritores negros por visibilidade de seus escritos sempre foi uma realidade. Enquanto escritores brancos gozavam do prestígio de seus materiais literários, muitas vezes utilizando de uma fantasiosa visão da vivência negra, autores negros sofreram o menosprezo da academia e das editoras brasileiras. Desta necessidade em ser sujeito de sua própria vivência, o surgimento de iniciativas como os Cadernos Negros garante que a produção literária afro-brasileira continue resistindo, já que ela “se faz presente nos tempos e espaços históricos de nossa constituição enquanto povo”, sendo “múltipla e diversa” (DUARTE, 2011, p. 11).

Uma das escritoras que vem dando voz à sua vivência e de tantas outras mulheres negras é a poeta e atriz Cristiane Sobral (1974). É autora de livros dos mais diversos gêneros literários: na narrativa, *Espelho, miradouros, dialéticas da percepção* (2011), *O tapete voador* (2016) e *amar antes que amanheça* (2021); no campo poético, *Não vou mais lavar os pratos* (2010), *Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz* (2014) e *Terra negra* (2017), este último objeto de análise do artigo. Encontramos, diante de sua produção contemporânea, uma escrita bastante voltada à escrevivência, conceito que explicaremos posteriormente, além de outras temáticas, como “a mulher, a infância, sua subjetividade, a sexualidade, o erotismo, a relação com as religiões de matriz africana e afro-brasileiras, as identidades de gênero, a maternidade, os paradoxos sociais, as possibilidades de ruptura dos moldes estabelecidos, a afetividade e o corpo negro” (SOBRAL, 2017b, p. 255).

Vinculada aos diferentes tipos de artes, Sobral relata, em entrevista para Gláucia do Carmo Xavier, sua experiência como professora de teatro e destaca a importância da Lei Federal 10.639/03⁴ para o empoderamento negro, isto é, tanto a literatura quanto a expressão artística

³ Frase da poeta que se encontra em seu blog pessoal. Disponível em: <https://cristianesobral.blogspot.com/>.

⁴ Há um enfrentamento profundo a se realizar, ao colocarmos em questão o silenciamento das vozes dos negros e da cultura afro-brasileira e africana. O racismo ainda está presente nos currículos, nas práticas escolares, na

são movimentos de reafirmação da negritude necessários para o desenvolvimento interpessoal dos jovens negros, pois “o contato com essa literatura que fala dessa negritude, apresenta outras perspectivas de representação das personagens negras, pode definir a construção identitária desses jovens, o gostar mais de si mesmo” (SOBRAL, 2017c, p. 114).

Sobral consegue, através da escrita, aterrissar em terra firme para se expressar, concretizando a busca por representatividade, transformando-se em um símbolo de luta e resistência, além de se concretizar como uma das escritoras representantes desta literatura afro-brasileira contemporânea. A poeta faz coro à reafirmação da literatura afro-brasileira⁵, justificando-a, também, por seu aspecto humanizador.

Creio na estética literária afro-brasileira como um discurso consciente, um manifesto de sobrevivência e resistência do povo negro. Seria uma estética do discurso. Além do panfleto, essa linguagem tem um compromisso com o leitor, com os afetos, deseja afetar e ser afetada, é humanista por excelência. (SOBRAL, 2017b, p. 256).

A temática do feminino é predominante na obra de Sobral, o que a caracteriza como uma espécie de porta-voz de outras mulheres negras. Em seu fazer literário, a poeta vocaliza as vivências da mulher na sociedade, principalmente as relacionadas com a maternidade: “quando eu falo de maternidade nos meus livros, experiência, eu me coloco sensivelmente conectada às outras mulheres, mães pretas ou não, diante dos nossos medos e de tudo o que desejamos aos nossos filhos” (SOBRAL, 2017c, p. 116).

A professora Moema Parente Augel afirma que a literatura afro-brasileira ainda é pouco reconhecida, sobretudo a literatura das mulheres negras, que procuram explicitar através da palavra o seu estar-no-mundo e seu ser-no-mundo. Esta desvalorização é resultado da hegemonia eurocêntrica do conhecimento que dita, através dos cânones literários, os parâmetros do que deveria ser considerada uma boa escrita (AUGEL, 2007). Para Augel,

escrita e na sociedade, em que a cultura e a história do povo negro é invisibilizada e negada, o que reverbera diretamente na subjetividade dos negros ao não se verem representados e valorizados. Em 2003, visando políticas públicas para reverter esse cenário à nível nacional, o presidente da república Luiz Inácio Lula da Silva, assinou a Lei Federal nº 10.639/03 que tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana nos currículos da Educação Básica.

⁵ Entendemos o conceito proposto por Eduardo de Assis Duarte (2011), que afirma que a literatura afro-brasileira tem cinco pilares: a temática, a autoria, o ponto de vista, a linguagem e o público-leitor. Há uma valorização e visibilidade que foi, até o momento, negada para esses escritores dentro dessa nomenclatura ampla de Literatura Brasileira. Portanto, essa afirmação se faz necessária, dado que “a pequena presença de negros e negras entre as personagens sugere uma ausência temática na narrativa brasileira contemporânea, que o contato com as obras, dentro e fora do corpus, contos e romances, confirma: o racismo” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 96).

a escritora afro-brasileira está prestando uma relevante contribuição para corrigir e rever os mitos e estereótipos que estigmatizam a mulher negra, recompondo-se como pessoa, ressaltando o seu verdadeiro e multiforme papel na sociedade brasileira. Têm essas autoras bem clara a consciência da dupla colonização que oprime as mulheres de sociedades desenvolvidas sob os efeitos tanto da ideologia colonial quanto da ideologia patriarcal. (AUGEL, 2007, p. 22).

É diante dessa perspectiva que o feminismo negro está intrinsecamente ligado aos estudos decoloniais, e na perspectiva do que María Lugones vai denominar como um sistema moderno-colonial de gênero, que tem por objetivo silenciar as mulheres colonizadas (LUGONES, 2014). Nesse sentido, inserida no sistema colonial de poder, a raça é uma categoria estruturante, assim como o gênero, e é isso que vai explicar a subordinação das mulheres negras na sociedade. Como nos mostra Lugones, o feminismo decolonial surge como um movimento de resistência que busca dar voz e visibilidade para as mulheres negras ao propor um enfrentamento para a descolonização do poder e do gênero.

Por todos os motivos elencados, entendemos que a literatura afro-brasileira, de autoria feminina, dialoga com o projeto político epistemológico da decolonialidade, pois se configura como uma construção e criação de saberes outros que não o eurocêntrico. Explicaremos esta relação a seguir.

Por uma epistemologia feminista negra e decolonial

A construção do feminismo negro tem início na luta das mulheres negras por representatividade e na busca por serem reconhecidas enquanto sujeitos políticos. Djamila Ribeiro em *Quem tem medo de Feminismo negro* (2018) define o objetivo do feminismo como a busca por “uma sociedade sem hierarquia de gênero – o gênero não sendo utilizado para conceder privilégios ou legitimar opressão” (RIBEIRO, 2018, p. 29). A crítica levantada nessa definição está na visão uniformizada das mulheres. Desde o início do movimento feminista no Brasil, na década de 1920, as principais pautas eram o direito ao voto, ao prazer, à vida pública, à valorização do trabalho da mulher e a luta contra a violência sexual (RIBEIRO, 2018). Foi somente na década de 1990 que a pauta da intersecção entre raça, gênero e classe social como fatores que oprimem e subalternizam mulheres foi debatida. Neste contexto, o movimento

feminista reconheceu a diversidade de mulheres e a necessidade de discutir os diferentes feminismos.

No âmbito dessas reflexões, a ideia de María Lugones é necessária para refletir sobre o movimento de resistência que caracteriza o feminismo decolonial frente à colonialidade do poder e do gênero, que subjuga e silencia a existência das mulheres negras. Lugones esclarece que, a partir da colonização das Américas e do Caribe, uma distinção dicotômica e hierárquica entre subalternos e civilizados foi imposta aos colonizados a serviço do homem ocidental. Esta distinção veio acompanhada por outras distinções hierárquicas, incluindo entre homens e mulheres (LUGONES, 2014). Assim, essa relação de subordinação e hierarquia entre colonizados e colonizadores é caracterizada por um sistema de colonialidade⁶ do poder e de gênero. São estes conjuntos de fatores que explicam a subordinação e o silenciamento impostos às mulheres negras. Segundo a autora,

descolonizar o gênero é necessariamente uma práxis. É decretar uma crítica da opressão de gênero racializada, colonial e capitalista, heterossexualizada visando uma transformação vivida do social. Como tal, a descolonização do gênero localiza quem teoriza em meio a pessoas, em uma compreensão histórica, subjetiva/intersubjetiva da relação oprimir/resistir na intersecção de sistemas complexos de opressão. (LUGONES, 2014, p. 940).

Desta maneira, quando propomos falar sobre um feminismo negro decolonial, devemos considerar o fator da cor como mais uma forma de opressão, pois, como esclarece Lugones, as mulheres negras carregam as marcas da discriminação da cor, do gênero e da classe social, isto é, elas são triplamente prejudicadas pela intersecção de fatores que perpetuam e agravam as desigualdades (LUGONES, 2014). Se mulher e negro são categorias que definem e delimitam grupos, logo, sua intersecção nos mostra a ausência da mulher negra. Um feminismo decolonial de resistência denuncia essas diversas formas de opressão, e propõe o enfrentamento contra hegemônico e a descolonização do poder e do gênero.

Esta opressão sobre as mulheres negras não significa, de maneira alguma, passividade ou conhecimento inferior. O trabalho intelectual das mulheres negras surge como uma preocupação com a transformação social e política, questionando as políticas excludentes e

⁶ María Lugones é uma das integrantes do grupo de pensadores latino-americanos denominado Grupo Modernidade/Colonialidade. A principal proposta do grupo M/C é a de que “a colonialidade é constitutiva da modernidade e não derivada” (MIGNOLO, 2005, p. 79). Assim, a colonialidade sobrevive ao colonialismo, mesmo após o fim da colonização.

reassignificando a subjetividade à frente da hegemonia eurocêntrica do conhecimento e da colonialidade do poder e do gênero. O fazer literário da mulher negra se constitui, assim, como uma práxis decolonizadora. A teórica literária Ilse Maria da Rosa Vivian afirma que essas novas perspectivas que se revelam na literatura atual dialogam com o projeto político-epistemológico da descolonialidade⁷ (VIVIAN, 2019). Com isto, algumas mulheres negras encontraram na escrita sua maneira de resistir e lutar, reafirmando sua subjetividade e sua negritude ao dar voz às suas vivências. Neste processo, o fazer literário é articulado à memória e à construção de identidade ao desconstruir as representações do passado impostas pelo discurso colonial, que inferioriza a subjetividade e a cultura do povo negro.

Dito isto, para compreendermos o processo de construção de uma literatura feminina negra e decolonial, que tem entre seus objetivos o de (re)escrever a representação da mulher negra, é necessário refletirmos sobre os estereótipos estéticos, os padrões e as representações as quais a figura da mulher negra é submetida, além das marcas que percorreram e ainda percorrem seus corpos. Conceição Evaristo esclarece que a literatura brasileira, desde a sua formação até a contemporaneidade, constrói uma visão negativa da mulher negra, pois “a representação literária da mulher negra ainda surge ancorada nas imagens do seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor” (EVARISTO, 2005a, p. 52). A literatura brasileira, uma vez feita por autores brancos, vai marcar o corpo da mulher negra como corpo de um animal erótico, desprovido de razão ou sensibilidade, por meio do discurso literário.

Para romper com tais ideias, é através da escrita que a mulher negra consegue ser ouvida intelectualmente, é o caminho pelo qual sua voz na literatura se torna coletiva ao representar a opressão que sofrem tantas outras mulheres negras nesta mesma condição. É neste contexto que trazemos o conceito de escre(vivência) de Conceição Evaristo. A escre(vivência), segundo a escritora, compreende

a fala de um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido. A escre(vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer

⁷ Os termos “decolonial” e “descolonial” possuem o mesmo significado e ambos são empregados pelos pensadores que se autodenominam decoloniais. Luciana Ballestrin e Walter Mignolo, autores que compõem o grupo M/C, propõem suprimir a letra “s” do termo “descolonial” para que o conceito se distancie da outra vertente de ideias denominada pós-colonialismo (BALLESTRIN, 2003). No entanto, alguns autores ainda utilizam o termo “descolonial”, como é o caso de Vivian (2019).

inferiorizada, mulher e negra. [...] Pode-se dizer que os textos femininos negros, para além de um sentido estético, buscam semantizar um outro movimento, aquele que abriga toda as suas lutas. Toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se toma o lugar da vida. (EVARISTO, 2005b, p. 205-206).

A justaposição de “escrita” e “vivência” traduz uma dupla vivência que é particular às mulheres negras nos textos literários. Assim, ao buscar relatar suas experiências vividas, a escrita literária surge como produtora de símbolos e de sentidos. É a partir desse movimento de “escrita” da “vivência” que se dá a inovação literária, marcando o lugar sociocultural dessas escritoras negras, ou seja, “toma-se o *lugar da escrita* como direito, assim como se toma o *lugar da vida*” (EVARISTO, 2005a, p. 54, *itálico da autora*). Nesse sentido, ao buscar seu lugar de escrita através da escrevivência, a produção literária dessas mulheres rompe com o silenciamento imposto pela colonialidade do poder e do gênero.

Foi para romper com a opressão colonizadora e com o silenciamento dentro do movimento feminista que, na década de 1970, as escritoras negras se uniram em movimentos literários, como é o caso dos Cadernos Negros, publicando suas próprias histórias. Os Cadernos Negros reúnem uma coletânea de escritos de homens e mulheres negras, dando voz a esses escritores que não tinham acesso às grandes editoras, e que ali encontraram a possibilidade de divulgar seus trabalhos. A coletânea recebeu esse nome porque os textos das autoras e autores eram escritos em modestos cadernos, hoje transformados em livros bem acabados, contando a cada ano com um número crescente de autores (AUGEL, 2007). As publicações de Cadernos Negros são mantidas até hoje pelo grupo Quilombhoje Literatura, fundado em 1980, por Cuti, Oswaldo de Camargo, Paulo Colina, Abelardo Rodrigues e outros escritores, com o objetivo de incentivar o hábito de leitura sobre literatura e cultura negra.

A coletânea dos Cadernos Negros deu visibilidade para escritoras como Conceição Evaristo, Lia Vieira, Miriam Alves, Esmeralda Ribeiro, entre outras (AUGEL, 2007), autoras que, em sua maioria, foram excluídas do meio acadêmico, e que têm nas publicações coletivas seu principal meio de divulgação. Nas obras dessas mulheres, encontramos o redirecionamento da voz narrativa rompendo com os estereótipos que lhes eram atribuídos pela tradição literária, no qual a mulher é sexualizada como um corpo-objeto. Dentre as mulheres negras que publicaram em Cadernos Negros, encontra-se a poeta Cristiane Sobral, objeto principal deste estudo.

Análise de “Inusitada”

Terra negra, livro de poemas de Cristiane Sobral, lançado pela Editora Malê, conta com 74 poemas das mais variadas temáticas, sobretudo a feminina, bastante utilizada pela poeta em seus escritos. Conta com uma epígrafe de bell hooks e um prefácio por Elisa Lucinda, intitulada “A carta da terra”. Já se sabe que a característica feminina é patente, pois “a poesia é feita do impacto entre a poeta ou o poeta e sua experiência de viver, está presente todo o tempo, nas escuridões de Terra negra, a luta existencial de todas nós” (LUCINDA, 2017, p. 13). Cabe também ressaltar o valor simbólico da Terra, que é compreendida como “o aspecto feminino [...] a função maternal”⁸ (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1986, p. 992, tradução nossa).

Inicialmente, podemos notar as 9 ocorrências de versos agudos, predominando os versos graves. Portanto, visto que o eu lírico feminino é o que conduz o poema, o adjetivo que dá título ao poema é referência direta a essa voz do poema feminina, sinalizando uma característica que dialoga com o conceito de escrevivência supracitado. Em virtude disso, faz-se necessário retomar a fala da professora Florentina Souza, que nos recorda que esse eu lírico é “o sujeito poético feminino [que] resalta o papel de guardiã atenta da memória; daquelas memórias que cortaram o Atlântico” (SOUZA, 2017, p. 29), característica que veremos no poema a seguir.

“Inusitada”

1. Sou uma negra no Planalto Central
2. procurando espaço no planejado avião
3. Lírio que rasga a secura do deserto
4. colorindo a palidez do concreto
5. Sou a negritude que colore a paisagem
6. empunhando um turbante com coragem
7. instaurando um reino em meio à escravidão
8. Madeira de lei confrontando
9. o aglomerado da satélite indesejada
10. Sou da resistência no centro do país
11. pingando palavras férteis
12. na secura do asfalto de fogo

⁸ Cf. Original: “el aspecto femenino [...] la función maternal”.

13. oferecendo à elite
14. o meu jeito de jogar o jogo
15. Poderia ser uma ilha
16. mas é a tal Brasília
17. Empalidecida pelo barro
18. Cidade que aprisiona pérolas em um inútil jarro
19. Diaspóricos negros peregrinos na terra
20. Caminhamos pelo planeta para vencer a guerra
21. Estamos aqui desde os primórdios
22. desse planeta milenar
23. Resistindo
24. Investindo contra a aridez do deserto
25. com palavra e ação
26. Sempre encontraremos oportunidade para brotar
27. em qualquer porto
28. em qualquer chão
29. A terra é nosso lar. (SOBRAL, 2017a, p. 93-94).

“Inusitada” é o 65º poema do livro *Terra negra*. O poema é composto por 29 versos livres, que estão divididos em 7 estrofes, sendo elas três quadras, duas quintilhas, uma sextilha e uma estrofe de apenas um verso. Encontram-se versos das mais variadas métricas, de trissílabo ao bárbaro. Nota-se uma preferência por versos mais longos, o que resulta na predominância do verso endecassílabo em quatro ocorrências (versos 3, 5, 7 e 24), seguido dos versos decassílabo (v. 1, 4 e 6), eneassílabo (v. 12, 14 e 21), octossílabo (v. 8, 17 e 22) e heptassílabo (v. 11, 13 e 15), que ocorrem igualmente três vezes cada.

Embora o poema apresente versos livres, ele possui um forte esquema de rimas internas e externas, revelando sua característica melódica. As rimas não seguem um padrão, mas elas figuram, ao menos uma vez, em cada estrofe. As rimas emparelhadas se encontram na segunda, quarta e quinta estrofe, com “paisagem” e “coragem”, “barro” e “jarro”, “terra” e “guerra” respectivamente, enquanto na terceira, há a presença de rimas alternadas, com “fogo” e “jogo”. Em relação às rimas internas, elas são evidenciadas pela forma dos verbos no gerúndio, como se pode notar na segunda e sexta estrofe, “empunhando” e “instaurando” e “resistindo” e

“investindo”, além dos outros pares com a mesma sílaba tônica em comum: “reino” e “meio” (v. 7), “madeira” e “lei” (v. 8) e “diaspóricos” e “primórdios” (v. 19 e 21).

A identidade feminina negra é construída por elementos que revelam o orgulho de sua própria negritude. Na primeira estrofe, destacam-se as palavras que formam uma perceptível rede identitária, pois quando o eu lírico fala ou se refere a si, utiliza os seguintes vocábulos: a primeira, “negra” (v. 1), que introduz a negritude, seguido de “lírio” (v. 3), transmitindo uma imagem delicada de si, embora o mesmo lírio consiga “rasgar a secura do deserto” (v. 3)⁹ e colorir “a palidez do concreto” (v. 4), configurando, assim, uma representação de si que dialoga diretamente com a alegoria da resistência negra no espaço de Brasília. Essa imagem se fortalece com outros símbolos que remetem à negritude, como o turbante (v. 6), a madeira de lei (v. 8) e a pérola (v. 18). A escolha de tais palavras resulta em uma ampla referência às tradições e à ancestralidade, de modo a reafirmar a própria cultura e história, sendo protagonistas e portavozes de suas próprias narrativas e vivências.

Esta busca pela afirmação de identidade é uma das questões pensadas pelo movimento da negritude que, segundo Lélia Gonzalez, busca lutar contra a colonialidade ao reafirmar e valorizar a cultura negra, promovendo uma tomada de consciência (GONZALEZ 2020). Assim, as ideias de negritude e de decolonialidade caminham juntas ao propor um rompimento com o silêncio imposto aos sujeitos subalternizados pela colonialidade, reafirmando a identidade e subjetividade, principalmente da mulher negra. A negritude, então, sinaliza a construção de uma outra História, feita por vozes silenciadas durante séculos.

Na quinta estrofe, ao falar sobre a diáspora negra, Sobral aborda os moldes coloniais estruturantes da nação, desafiando sentenças e valores do escravismo, indo além do estereótipo no qual o negro é visto como o outro¹⁰, exótico, não pertencente à esta terra. Segundo Vivian, na literatura brasileira são escassas as narrativas sobre o passado negro em virtude do escravismo, da violência e de seu consequente silenciamento social, político e cultural, que afetam até hoje a subjetividade dos indivíduos negros (VIVIAN, 2019). A experiência diaspórica nos versos é relacionada à memória e à construção de identidade, elucidando esse

⁹ Segundo o *Diccionario de los símbolos*, o lírio possui um simbolismo ligado às ideias contrárias, possuindo um cheiro de “mescla de mel e pimenta, um tanto intenso e um tanto adocicado, algo pálido e algo forte” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1986, p. 651, tradução nossa).

¹⁰ Um pensamento construído por outras lógicas que não a racialização e a racionalização eurocêntrica.

passado silenciado ao reafirmar a própria cultura em um movimento de descolonização. Os negros foram “peregrinos”, traficados, trazidos e levados de uma nação à outra, que continuam “caminhando aqui desde os primórdios da terra”. No entanto, estes negros “peregrinos” pertencem a este lugar, pois “[...] não é possível conceber o sujeito imaginado pela determinação de fronteiras, sejam temporais ou espaciais, sejam culturais ou sociais” (VIVIAN, 2019, p. 4).

O encadeamento de elementos no poema é feito com a utilização de palavras que contrastam entre si, ultrapassando o domínio morfológico, isto é, instituindo novas relações dialógicas a partir da semântica. A imagem de Brasília é construída por palavras que reforçam a essência desarmônica e tensionada da pólis, temática valorizada desde os simbolistas franceses. Na primeira estrofe, Brasília, que está inserida no “Planalto Central” (v. 1), leva características como “secura”, “deserto” (v. 3), “palidez” e “concreto” (v. 4). De certo modo, tais palavras transcendem a experiência pessoal do eu lírico ao fazer menção ao bioma da região centro-oeste brasileira, o cerrado, que passa por períodos de intensa seca, mas sem se desprender da imagem urbanizada de Brasília que, “na secura do asfalto de fogo” (v. 12) e “empalidecida pelo barro” (v. 17), apresenta o processo modernizante da urbe como consolidado¹¹. Na quarta estrofe, nota-se um pesar na fala ao dizer que “Poderia ser uma ilha/ mas é a tal Brasília”, sugerindo descontentamento ao perceber-se em um lugar de não-pertencimento, além de descortinar uma relação antitética: as características naturais encontradas em uma ilha não se encontram em Brasília. Tal sensação é ampliada quando o eu lírico afirma que a cidade “aprisiona pérolas em um inútil jarro”, ou seja, há um sentimento vinculado à ideia de cárcere. Fica patente que o ambiente apresentado não é sinônimo da ideia de lar.

A sensação de não-pertencimento também se amplia para a multidão que faz parte do organismo cidadão. Não se pode caracterizar a voz do poema como um *flâneur* baudelairiano, pois a condição deste é vivenciar ao máximo a urbe e, sobretudo, perambular e se fundir à massa. Ele se comporta diferentemente deste eu lírico, que busca não se relacionar com o “aglomerado da satélite indesejada” (v. 9) por meio do verbo “confrontando” (v. 8). Logo, tanto a elite quanto a multidão, esta última responsável por constituir fundamentalmente o espaço

¹¹ A ideia de Brasília (1960), a nova capital do país, foi concebida a fim de transmitir o conceito de cidade moderna, abrigando referências futuristas de progresso, que emulavam o ideal proposto pelo então presidente Juscelino Kubitschek.

citadino, são vistas com distanciamento, escancarando sua relação tensionada com a cidade de Brasília. Tal postura do eu-lírico, até então, demonstra a “interação entre escritura e experiência [que] destaca o lugar de fala e a resistência e a ação em um espaço inóspito. As metáforas concernentes à descrição de Brasília contrastam com a vivacidade da cor e da sensibilidade poética do eu-lírico” (OLIVEIRA, 2019, p. 332).

De acordo com Marshall Berman, em Tudo o que é sólido desmancha no ar, “a experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana” (BERMAN, 2007, p. 24). Com efeito, pode-se perceber, pela voz do poema, que tal experiência na modernidade deve ser repensada. A tensão racial e social está marcada por todo o poema, com imagens contrastivas: “madeira de lei” que confronta o “aglomerado da satélite indesejada”, aquele que “pingando palavras férteis” rompe com a “secura do asfalto de fogo”. Essa resistência se dá pelo caminhar “pelo planeta para vencer a guerra”, isto é, a luta diária contra a discriminação racial. Após cada guerra, negros estão nos aeroportos, nas empresas, já que “sempre encontraremos oportunidade para brotar/ em qualquer porto/ em qualquer chão”; tal permanência implica uma ascensão social, antes considerada impossível.

Tal espaço se tornou tema para debate internacionalmente. Em sua passagem por Brasília, Marshall Berman notara a problemática de socialização dentro do espaço moderno brasileiro que, segundo o teórico, restringe o acesso à cidade para poucos, perdendo a característica democrática essencial da urbe. Em entrevista à *Folha de S. Paulo*, Berman reafirma sua opinião sobre Brasília.

Quando ouvi falar pela primeira vez da cidade, pareceu-me que havia grande coisa lá. Mas os moradores viram que era um desastre levar a vida em uma cidade cujos segmentos não interagem. Se, ao sair do trabalho, você quisesse se reunir com alguém para tomar um café, precisaria tomar um ônibus para outra parte da cidade. Pareceu-me uma coisa perversa, pois, na maioria das vezes, as pessoas não acham que vale a pena. Brasília é construída de modo a evitar que as pessoas se encontrem. Perde-se muito do excitante, do especial da vida moderna. Ironicamente, a América Latina começa com algo como o modelo espanhol de urbanismo, as cidades construídas ao redor da “plaza mayor”. Em Brasília, Niemeyer [que organizou o concurso para escolha do Plano Piloto, vencido por Lucio Costa] não queria funis aonde todos confluíssem. É importante ver o que isso tem de antidemocrático. (BERMAN, 2009,s/p, aspas e colchetes do autor).

A opinião de Berman e do eu lírico se integram neste momento. Embora o eu lírico faça demarcações que indiquem o processo de modernização de Brasília, como vemos nos versos “planejado avião” (v. 2) e “a palidez do concreto” (v. 4), a cidade não foi pensada para ser democrática, permanecendo um espaço para poucos. A construção de Brasília, então, feita para evitar encontros e a socialização do próprio povo é retratada, ainda que timidamente, por este eu lírico, que rejeita a experiência da modernidade. Ora, o lar desejado é a terra, que remete ao título do livro de poemas, *Terra negra*: “o amor pela natureza, a não destruição do planeta, tudo isso aprende-se naturalmente no mundo da pajelança e dos Orixás” (LUCINDA, 2017, p. 15). É o convite do eu lírico para a base da sua ancestralidade que, sem dúvidas, também se liga ao feminino.

Considerações finais

Na literatura brasileira, as mulheres negras eram representadas por um viés branco e preconceituoso, na qual eram submetidas a representações e padrões transpassados pela opressão de raça, gênero e classe. Isto nos leva a confirmar a herança histórica da escravidão e o racismo estrutural ainda presente na sociedade contemporânea. No entanto, há de se reconhecer e comemorar a pluralidade de vozes negras galgando espaço na literatura brasileira contemporânea, como vimos com a movimentação coletiva do Grupo Quilombhoje, a publicação dos Cadernos Negros, e no reconhecimento (embora tardio) de Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e, claro, da própria poeta em destaque, Cristiane Sobral. Nesse contexto, é urgente a valorização da presença da literatura afro-brasileira e o debate das obras de escritoras negras, de modo a repensar suas vozes que foram silenciadas e apagadas historicamente por parâmetros acadêmicos brancos, bem como reconhecer o lugar de porta-voz das suas próprias narrativas.

Terra negra traz à tona a voz de um eu lírico negro feminino, transpondo barreiras de silenciamento, tanto no campo social, como no campo literário. Cabe reforçar que o espaço da cidade de Brasília também se mostra um espaço hostil para a vivência harmônica da população negra, visto que tal ambiente não é democrático e não cumpre seu papel de socialização. Brasília não corresponde ao lar desejado, que se opõe diretamente a “terra”. Apesar da vivência em ambiente tensionado, a mulher negra surge reconfigurando e ressignificando a própria história,

transgredindo o pensamento hegemônico, eurocêntrico e opressor. Este movimento decolonial da escrita torna o sujeito da mulher negra visível na sociedade, ao conscientizar, mobilizar e dar voz a essas mulheres silenciadas durante séculos.

Referências

AUGEL, Moema Parente. “E Agora Falamos Nós”: Literatura Feminina Afro-Brasileira. **Literafro**, Belo Horizonte, 25 p., 2007. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/arquivos/artigos/teoricos-conceituais/ArtigoMoema1EagoraFalamosNos.pdf>. Acesso em: 7 ago. 2021.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 11, p. 89-117, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/DxkN3kQ3XdYYPbwwXH55jhw/?lang=pt>. Acesso em: 31 jul. 2022.

BERMAN, Marshall. O urbanista das multidões. [Entrevista cedida a] Ernane Guimarães Neto. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 2 ago. 2009. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0208200921.htm>. Acesso em: 12 ago. 2021.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade**. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Diccionario de los símbolos**. Barcelona: Editorial Herder, 1986.

COLINA, Paulo. **A noite não pede licença**. São Paulo: Roswitha Kempf Editores, 1987.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo: Editora Horizonte, Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2012.

DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 31, p. 11-23, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9430>. Acesso em: 29 jul. 2022.

EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. **Palmares**, p. 52-57, 2005a. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/52%20a%2057.pdf>. Acesso em: 7 jun. 2021.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. *In*: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane. (Orgs.) **Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora**. João Pessoa: Ideia, 2005b, p. 201-212.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: Ensaio, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Editora Schwarcz S.A, 2020.

LUCINDA, Elisa. A carta da terra. *In*: SOBRAL, Cristiane. **Terra negra**. Rio de Janeiro: Malê, 2017, p. 12-17.

LUGONES, María. Rumo a um Feminismo descolonial. Tradução de Juliana Watson e Tatiana Nascimento. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755>. Acesso em 5 ago. 2021.

MIGNOLO, Walter. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. *In*: LANDER, Edgardo. (Org.) **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso, p. 71-103, 2005.

OLIVEIRA, Dileane Fagundes de. A negritude viva em Terra negra de Cristiane Sobral. **Revista Crioula**, São Paulo, v. 1, n. 23, p. 327-335, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/156571>. Acesso em: 13 ago. 2021.

RIBEIRO, Djamila. As diversas ondas do feminismo acadêmico. *In*: RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo de feminismo negro?** São Paulo: Editora Schwarcz S.A, 2018, p. 29-39.

SOBRAL, Cristiane. **Terra negra**. Rio de Janeiro: Malê, 2017a.

SOBRAL, Cristiane. “Quem não se afirma não existe”: entrevista com Cristiane Sobral. [Entrevista cedida a] Grazielle Frederico, Lúcia Tormin Mollo, Paula Queiroz Dutra. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 51, p. 254-258, 2017b. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/elbc/a/7qKSfsvMPJqRrTPK73mpRhK/?lang=pt>. Acessado em: 29 jul. 2022.

SOBRAL, Cristiane. Entrevista: Cristiane Sobral. [Entrevista cedida a] Glaucia do Carmo Xavier. **Revista do Instituto de Ciências Humanas**, Belo Horizonte, v. 13, n. 17, p. 112-121, 2017c. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/revistaich/article/view/14755>. Acesso: 09 out. 2021.

SOBRAL, Cristiane. **Cristiane Sobral**. Disponível em: <https://cristianesobral.blogspot.com/>. Acesso em: 01 ago. 2021.

SOUZA, Florentina da Silva. Mulheres negras escritoras. **Revista Crioula**, São Paulo, n. 20, p. 19-39, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/141317>. Acesso em: 14 ago. 2021.

VIVIAN, Ilse Maria da Rosa. O inventário das coisas ausentes: memória, diáspora e descolonização na literatura brasileira contemporânea. **Antares: Letras e Humanidades**, Caxias do Sul, v. 11, n. 22, p. 58-71, 2019. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/view/7077>. Acesso 10 ago. 2021.